

DANUSA CAROLINE GRAUNKE MOLITERNO

**A VIOLÊNCIA NAS SÉRIES FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DA REDE
PÚBLICA E DA REDE PRIVADA DE ENSINO DE CURITIBA**

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar no curso de Pós-Graduação em Educação Física Escolar, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciane Paiva Alves de Oliveira.

**CURITIBA
2008**

TERMO DE APROVAÇÃO

DANUSA CAROLINE GRAUNKE MOLITERNO

**A VIOLÊNCIA NAS SÉRIES FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DA REDE
PÚBLICA E DA REDE PRIVADA DE ENSINO DE CURITIBA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de pós-graduação em Educação Física Escolar, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

**Orientadora: Prof. Dra. Luciane Paiva Alves de Oliveira
Departamento de Educação Física, UFPR**

**Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli
Departamento de Educação Física, UFPR**

Curitiba, 10 de julho de 2008

Ao Senhor Jesus.
Aos meus pais Antônio Carlos e Rosângela.
Aos meus irmãos Alessandro e Guilherme.
À minha avó Victória.
Ao Francisco, meu marido.
Por todo amor, por quem sou e
por tudo o que alcancei.

AGRADECIMENTOS

À Jesus, pela vida, bênção e proteção.

Aos meus pais, que sempre deram apoio em minhas decisões.

À professora Luciane Paiva Alves de Oliveira, pela orientação, dedicação e conhecimentos transmitidos.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para o desenrolar deste trabalho.

E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o receberéis

Mateus 21:22

RESUMO

A violência protagonizada pelos jovens nas escolas é uma realidade inegável, sendo cada vez mais evidente em nossa sociedade, fenômeno que vem aumentando consideravelmente. O objetivo dessa pesquisa é a identificação e a análise da percepção dos professores de séries finais do ensino fundamental, ou seja, as antigas 7ª e 8ª séries, sobre a violência nas escolas e suas causas. Para isso a pesquisa trata o tema violência como conceito amplo, abrangendo também as dimensões sócio-culturais do problema. Realizou-se primeiramente uma revisão de literatura abordando os seguintes tópicos: conceito de violência, violência na escola, violência x classe social e violência x indisciplina. Utilizou-se na metodologia um questionário com sete questões abertas e fechadas, o qual foi aplicado à professores que atuavam na rede pública e na rede privada. Segundo os docentes a violência manifesta-se de diversas formas dentro da escola. As diferenças nas respostas obtidas entre a escola pública e a escola privada foram inegáveis. Na escola pública a porcentagem de reclamações foi evidentemente maior do que da escola privada. Contudo, o objetivo não foi o de afirmar que uma ou outra escola é melhor e sim mostrar a realidade social em que vivemos.

Palavras-chave: violência; escola; adolescentes; professores.

ABSTRACT

Violence has had youth as protagonists at schools, being an incontestable reality more and more evident in our society, considerably increasing each time. The objective of this research is to identify and analyze the perception of fundamental grade teachers, that is, the former 7th and 8th grades, about the violence in schools and its causes. For this, the research treats the violence theme as ample, taking into consideration the socio-economical dimensions of the problem as well. First of all, a revision of literature approaching the following topics was necessary: violence concept, violence at school, violence x social class and violence x indiscipline. A questionnaire with seven open and closed questions was used, and applied to teachers from both public schools as well as private. According to the teachers, violence expresses itself through many ways in the schools. Difference in the answers from public schools and private schools was undeniable. In public schools, the complaints percentage was obviously greater than in private schools. Nevertheless, the objective of this research was not show that one school is better than the other, but to show the social reality in which we have been living.

Key-words: violence; school; youth; teachers.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 JUSTIFICATIVA	9
1.2 PROBLEMA	9
1.3 OBJETIVOS	9
1.3.1 Objetivo geral	9
1.3.2 Objetivos específicos	10
2. NOÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA	11
2.1 CONCEITO DE VIOLÊNCIA	11
3. VIOLÊNCIA NA ESCOLA	13
3.1 VIOLÊNCIA X CLASSE SOCIAL	16
3.2 VIOLÊNCIA X INDISCIPLINA	18
4. MATERIAIS E MÉTODOS	19
4.1 TIPO DE PESQUISA	19
4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	19
4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	20
4.4 COLETA DE DADOS	20
4.5 ANÁLISE DOS DADOS	20
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
6. CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE	35

1. INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

A violência protagonizada pelos jovens nas escolas é uma realidade inegável. O clima de insatisfação e de medo que assola o mundo nas últimas décadas pode ser o estimulador da criminalidade e da violência que atinge todos os segmentos da sociedade. Nesse contexto, as crianças e os adolescentes se apresentam como um foco de preocupação para pais e educadores, justamente por viver em uma sociedade em transformação, tomada por valores instáveis e de curta duração. Devido às exigências, as famílias muitas vezes destituem-se da sua função educativa, delegando-a a escola.

Na perspectiva de Riolfi (1999, p.44), ninguém está sabendo muito bem o que fazer e tem vergonha de dizer isso, o que coloca, sobretudo, o professor em uma posição de solidão improdutiva e rancorosa, que o empurra para uma situação de rivalidade quase que mal disfarçada em relação a seus próprios alunos. Além disso, fatores de violência externos à escola têm gerado conflitos que se manifestam durante as aulas comprometendo o aprendizado. Considerando-se tais aspectos, este estudo tem o objetivo de identificar as principais formas com que a violência discente se apresenta na realidade escolar, segundo a opinião dos próprios docentes.

1.2 PROBLEMA

Segundo a opinião docente, como se manifesta a violência nas séries finais do ensino fundamental?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar, segundo opinião docente, as principais formas de violência nas séries finais do ensino fundamental.

1.3.2 Objetivos Específicos

- ✓ Realizar uma revisão bibliográfica sobre algumas das pesquisas que abordam o tema da violência na escola;
- ✓ Identificar a opinião docente sobre as principais formas de violência manifestadas por alunos em escolas públicas e privadas;
- ✓ Comparar os resultados obtidos na escola pública e na escola privada.

2. NOÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA

2.1 CONCEITO DE VIOLÊNCIA

Para iniciar as discussões que envolvem esse tema faz-se necessário compreender como o conceito de violência surge na literatura que aborda o assunto.

O estudo da violência implica, primeiramente, na definição do próprio conceito de violência. Segundo uma extensa revisão, elaborada por Williams (2002, *apud* GALLO, 2007), a definição de violência está relacionada à definição de agressão. Essa mesma autora aponta que Bandura (1973, p.2) afirma que “tentativas de definir um conceito representam essencialmente um convite a caminhar pela selva semântica”. Tal fato acontece porque não existe um consenso de definição de violência.

Já Padilha (2003, p.97) afirma que “violência é todo ato invasivo, que implica uma submissão pela força, uma coerção, levando a pessoa a ter uma reação não espontânea, em função do desejo do outro. É uma situação que implica uma coisificação das relações, em que o outro é considerado como coisa, como objeto e não como sujeito”.

Um outro autor o qual trata do assunto é Osório, que conceitua a violência como: “o ato, ou sucessão de atos, consciente ou inconscientemente determinados para causar dano físico, psíquico, moral ou social a outrem e que, por sua natureza e intensidade, não permitem a evitação imediata ou mediata de seus efeitos” (OSORIO, 2002, p.16).

As definições partem de pontos de vista diferentes: enquanto Padilha aborda o aspecto da relação e a posição daquele que sofre a violência, Osório enfoca o agressor e a intencionalidade. No entanto, podemos ter uma visão mais ampla na definição de VÁZQUES (1998, *apud* PADILHA, 2003, p.97):

... a violência em si tem uma carga negativa, enquanto busca sempre desarticular ou dobrar a vontade do outro e, portanto, sujeitá-lo ou arrancá-lo de sua própria legalidade. Ou seja: alterar ou destruir sua autonomia. A violência, por sua natureza mesma, exclui valores como a igualdade, a liberdade, a tolerância, o respeito à dignidade e à autonomia do outro. É, por isso, negativa, indesejável. Razão pela qual, a utopia de uma sociedade mais igualitária, mais livre, mais justa e mais tolerante, em que os homens possam conviver, dialogar, tolerar-se, é incompatível

com o domínio da violência.

Williams (2002, apud GALLO, 2007) também aponta que Hacker e Loeber e Stouthamer-Loeber definem a agressão como atos que infligem danos corporais ou psicológicos a outros, referindo-se a atos ou danos menos sérios, enquanto a violência é definida como atos agressivos que causam danos sérios. Para Wistedt e Freeman (1994), o conceito de agressão é mais amplo que violência, incluindo também, palavras ou ações ameaçadoras e irritabilidade.

Ainda na revisão de Gallo (2007, p.1-4), Parke e Sawin definem que a agressão não é um comportamento, mas um rótulo cultural de padrões de comportamento, sendo resultado de um julgamento social por parte do outro. Uma outra definição de violência foi apresentada por Chauí (1985), que indica que a violência uma realização determinada às relações de força, tanto em termos de classes sociais, quanto em termos interpessoais. Sidman (1989) e Andery e Sérgio (1997) definem a violência como sinônimos de coerção.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis”. Mas os especialistas afirmam que o conceito é muito mais amplo e ambíguo do que a mera constatação de que a violência é a imposição de dor ou agressão cometida por uma pessoa contra outra.

Sobre a agressividade, Ferrari mencionado em dissertação feita por Padilha (2003, 112) denominada *Mediação sistêmico-integrativa: uma contribuição à gestão da educação para prevenção da violência*, afirma que:

Pelos estudos que foram realizados, nós observamos que o homem tem um instinto de agressividade como um instinto natural de sobrevivência, como uma reação natural da própria defesa da vida. Mas esse instinto não é violência. Ninguém nasce violento, a sociedade transforma o homem. Ele acaba sendo violento em função de situações sociais que foram se agravando na vida dele. Não existe uma herança genética, é o meio que torna as relações violentas.

Nesse sentido a agressividade, uma característica do homem, como qualquer outra, pode ser canalizada para objetivos construtivos ou destrutivos, para o bem ou para o mal. A agressividade pode ser usada pelo ser humano para conquistar seu espaço no mundo, para se desenvolver, crescer, construir, vencer as adversidades do meio, com respeito pelo entorno que o nutre, ou, como infelizmente vem acontecendo, com a falta de respeito, a voracidade e a ganância

desenvolvidas na atual conjuntura da sociedade capitalista, em que o dinheiro para o consumo tornou-se a meta, não importando os meios utilizados para atingi-la.

Considerando os diversos conceitos de violência e as dificuldades de definição, neste trabalho a violência terá um conceito mais amplo, abrangendo também dimensões sócio-culturais do problema e analisado como a interseção de variáveis institucional, social e comportamental. Uma definição que engloba todos os fatores citados anteriormente é o seguinte:

Para todos os efeitos, guerra, fome, tortura, assassinato, preconceito, a violência se manifesta de várias maneiras. Na comunidade internacional de direitos humanos, a violência é compreendida como todas as violações dos direitos civis (vida, propriedade, liberdade de ir e vir, de consciência e de culto); políticos (direito a votar e a ser votado, ter participação política); sociais (habitação, saúde, educação, segurança); econômicos (emprego e salário) e culturais (direito de manter e manifestar sua própria cultura). As formas de violência, tipificadas como violação da lei penal, como assassinato, seqüestros, roubos e outros tipos de crime contra a pessoa ou contra o patrimônio, formam um conjunto que se convencionou chamar de violência urbana, porque se manifesta principalmente no espaço das grandes cidades (SERASA, guia contra violência).

Abramovay e Avancini (2007), no artigo sobre Educação e Incivilidade, demonstram que existem diferentes modalidades de violência: física, simbólica ou institucional e a incivilidade. Nesse caso a violência física é aquela que pode matar e consiste em ferimentos, golpes, roubos, crimes, vandalismo, droga, tráfico, violência sexual; a violência simbólica ou institucional é aquela que se mostra nas relações de poder (na violência verbal entre professores e alunos por exemplo) e as incivilidades que caracterizam-se pelas microviolências, humilhações, falta de respeito etc.

3. VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Permeando os mais diversos espaços sociais, a violência insere-se também no campo educacional. A escola, por constituir-se num espaço que serve de base para a estruturação da sociedade, dissemina seus valores, normas e princípios e vem, ao longo do tempo, tanto sofrendo influência quanto influenciando violências físicas e simbólicas.

Nesse contexto um dos aspectos que mais nos auxiliam nas reflexões propostas por esta pesquisa é o conceito de violência simbólica, criado pelo pensador francês Pierre Bourdieu para descrever o processo pelo qual a

classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados. Entre os vários estudos que abordam o tema, está o de Apicciarella (2007), que indica que:

Bourdieu, juntamente com o sociólogo Jean-Claude Passeron, partem do princípio de que a cultura, ou o sistema simbólico, é arbitrária, uma vez que não se assenta numa realidade dada como natural. O sistema simbólico de uma determinada cultura é uma construção social e sua manutenção é fundamental para a perpetuação de uma determinada sociedade, através da interiorização da cultura por todos os membros da mesma. A violência simbólica expressa-se na imposição "legítima" e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima deste processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável.

Para o autor, a violência simbólica pode ser exercida por diferentes instituições da sociedade: o Estado, a mídia, a escola, etc.

Apicciarella (2007), menciona que a Educação está no centro desta discussão. Teoricamente, por meio da educação o indivíduo pode tornar-se capaz de distinguir quando está sendo vítima da violência simbólica e tornar-se um ator social que vá contra a sua legitimação. Devido à atual realidade sócio-econômica, os pais vêm se distanciando cada vez mais do papel de educar seus filhos, reduzindo significativamente a idade em que vão para a escola. Assim a escola configura-se como o principal agente educacional da sociedade moderna, mas lamentavelmente, ao invés do que se espera, a escola não vem educando para formar cidadãos e sim para legitimar o poder simbólico presente na sociedade.

Diante desse quadro, raramente a violência simbólica é percebida no cotidiano, pois a violência física é mais aparente. Isso porque o temor, de certa forma, é maior em relação ao físico, ainda que se saiba que marcas profundas podem ser deixadas pela violência simbólica. Sob esses aspectos...

"compreende-se que a educação deva nortear os caminhos da construção da paz e superação de todo o tipo de violência. Porém, o campo educacional configura-se num campo de discussões e conflitos. Nesse espaço sempre há disputas de diferentes discursos, os professores devem sempre tomar parte enfrentando os obstáculos de modo crítico e criativo. Ser professor no processo de mediação e interação implica uma análise de sua função pedagógica, diante da problemática da violência, bem como uma busca de novas e criativas maneiras de consolidar a construção coletiva da cultura da paz" (BELINAZO, 2007).

É notável a identificação de que a violência escolar tem se constituído, nos últimos anos, em um problema social de grande amplitude. Haja vista que...

“a intensificação dos conflitos, próprios da relação professor-aluno/ aluno-professor, acaba por gerar uma espécie de “guerra” não declarada, onde tem-se apenas perdedores: os professores, pelo estresse físico e psíquico a que estão submetidos, e os alunos, por terem à sua frente mais um obstáculo na produção de seu conhecimento, imprescindível para o exercício da cidadania”. (LOPES e GASPARIN, 2007)

Lopes e Gasparin (2007), apontam que a escola, que chegou a ser chamada de “segundo lar” ou apêndice de casa, aparece hoje, na visão de alguns, como um “local perigoso”, onde não há previsibilidade sobre o que pode acontecer. Frases do tipo: “não sei mais quem são meus alunos”, “tenho medo de ser atacado, agredido fisicamente”, podem ser ouvidas em reuniões pedagógicas e nos momentos de intervalo das aulas.

Enquanto a violência, de um modo geral, é tema de reportagens cotidianas em jornais e revistas, a violência nas escolas parece obedecer à lei do silêncio, com raras exceções. Os textos que tratam do assunto são, na sua maioria, publicações de pesquisas recentes, encomendadas pela UNESCO. (PADILHA, 2003, p.106).

Padilha (2003, P.106), cita Abramovay e Rua, na obra *Violência nas Escolas*, que discutem o tema e relatam pesquisas de campo realizadas em vários estados brasileiros. O estudo, ao fazer um diagnóstico da violência, pretende ser um primeiro passo em direção ao objetivo principal da UNESCO: a criação de uma cultura de paz e não-violência. Dessa forma as autoras afirmam que:

Um dos pioneiros dos estudos sobre a paz, Johan Galtung, oferece uma das mais amplas definições de violência: é tudo o que causa a diferença entre o potencial e o atual, entre o que foi e o que é. Nesse sentido, uma definição possível de violência é toda ação que impede ou dificulta o desenvolvimento. (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p.22 *apud* PADILHA, 2003, p.106).

Padilha (2003, p.106) ainda cita uma entrevista de Rubem Alves (psicanalista e educador, formado em Filosofia pela Universidade de Princeton (EUA) e professor emérito da Unicamp), concedida à Ricardo Prado, *Revista Nova Escola*, respondendo à pergunta sobre como o professor pode interferir sobre a violência que se verifica na sociedade atual, onde declara:

Nossos professores são de matérias, e violência não faz parte de nenhum currículo... Isto não está no programa e nós precisamos cumpri-lo. Esta é uma das aberrações do nosso sistema educacional. Tudo vai depender da sensibilidade do profissional, de sua capacidade de pensar outras coisas que não sejam os conteúdos. Se ele for extremamente

competente só na sua disciplina, será incapaz de responder às questões provocadas pela onda de violência. A grande pergunta é a seguinte: nós estamos formando educadores com competência para lidar com situações não previstas? Conhecer o programa é fácil; complicado é conhecer a vida. (FALA MESTRE - REVISTA NOVA ESCOLA , 2002, p.45-47).

Lopes (2007) coloca que a violência escolar pode ser conceitualizada como um leque de comportamentos anti-sociais perpetrados nas escolas, podendo incluir comportamentos de oposição, agressões a pares, professores e funcionários, assaltos, etc.

Nesse sentido existe a crença de que a violência escolar resulta fundamentalmente do comportamento disfuncional de alunos específicos. Segundo Lopes (2007), verifica-se uma tendência para a patologização individual de comportamentos que têm raízes bem mais profundas do que à primeira vista se supõe e que são em larga medida importados do exterior da escola e não constituem propriamente um produto da escolarização.

Assim, podemos caracterizar a violência escolar como todo ato que impede, em sentido amplo, o pleno desenvolvimento dos indivíduos. Trata-se da negação de direitos básicos. Há violência em toda ação consciente ou voluntária de um indivíduo, grupo ou classe, com o propósito de impedir outro indivíduo, grupo ou classe, o pleno exercício de um direito. Tal ação pode ser direta ou indireta, oculta ou explícita, e comporta sempre a negação do outro. Inclui atos que provocam danos físicos, morais e psicológicos, podendo se manifestar também em ações como o descaso, o desrespeito e a falta de reconhecimento do valor social do outro.

Assim, quando se fala de violência nas escolas deve-se levar em conta não somente os delitos passíveis de enquadramento no Código Penal, mas também as incivildades, muitas vezes invisíveis aos olhos dos atores que convivem na escola. As incivildades não se pautam pelo uso da força física, mas, podem ferir profundamente, minando a auto-estima das vítimas e fomentando um sentimento de insegurança.

3.1 VIOLÊNCIA X CLASSE SOCIAL

É sabido que a violência sempre esteve presente na vida dos homens. A medida que o individualismo foi assumindo formas mais agonísticas, a impessoalidade foi, gradativamente, ocupando espaços, antes

caracterizados por contatos *face-to-face*; a violência física foi se rotinizando, deixando de ser excepcional para tornar-se uma marca do cotidiano (Britto e Lamarão, 1994 *apud* Tessaro, 2007).

Muitas são as formas pelas quais a violência se manifesta nas relações sociais. Assim a violência como todas as outras manifestações sociais, explicam-se por condicionantes estruturais. Steiner (1986, p.3) enfatiza que:

Uma sociedade profundamente em crise, como a nossa, acaba por gerar as formas mais intensas e perversas de violência. O ser humano com sua sede de poder, está incrustado nesta crise, está na base dela. A sua capacidade empática diante do outro diminui, as relações humanas se coisificam e tornam-se cada vez menos humanas.

À medida que a sociedade se desenvolve, por meio da exploração totalmente desumanizada, mais aumenta a violência entre as classes sociais. Moraes, ao tratar sobre este aspecto, assim se posiciona: “Ora, a manutenção de um estado de coisas que só contempla privilégios e privilegiados é estimulação básica da violência social. É modo de seguir reproduzindo uma existência melancólica, em detrimento da esperança” (1995, p. 109).

Mas discutir a violência no contexto da dinâmica atual da sociedade é uma tarefa difícil e complexa, tendo em vista as transformações pelas quais vêm passando os processos produtivos, as relações sociais de produção e o mundo da informação.

Neste momento, a violência está se apresentando na vida dos homens de forma naturalizada, pois a todo momento nos deparamos com diferentes tipos de violência, sejam elas nas ruas, nos meios de comunicação, nas escolas, ou nas famílias.

Nesta perspectiva Steiner (1986, p. 3) afirma:

Nossa sociedade é permissiva para com a violência, incorpora-a ao seu cotidiano de forma a que não nos espantemos mais com as notícias de assassinatos e brutalidades cometidos indiscriminadamente contra adultos, velhos e crianças que inundam os jornais e noticiários cotidianos [...] Esta perda da capacidade de espanto diante da violência, este dar de ombros, indiferente e apressado, acaba nos tornando cúmplices passivos de fatos que são aceitos como fazendo parte do destino trágico da humanidade.

3.2 VIOLÊNCIA X INDISCIPLINA

O conceito de indisciplina, apresentado usualmente como a negação da disciplina, difere do conceito de violência, uma vez que não implica à existência de agressões intencionais, com clara violação dos direitos de terceiros. (LOPES, 2002, pg.262).

Para Rego (1996, p.84), as idéias acerca da indisciplina estão longe de serem consensuais. Isto se deve não somente à complexidade do assunto e à marcante ausência de pesquisas que contribuam no refinamento do estudo deste problema, mas também a multiplicidade de interpretações que o tema encerra.

Uma outra característica distinta diz respeito ao contexto de exibição dos comportamentos e à sensibilidade destes às estratégias utilizadas pelos professores. Os alunos que exibem comportamentos violentos ou de oposição têm uma maior probabilidade de manifestá-los perante qualquer professor ou mesmo perante qualquer pessoa, desde que percebam que o poder de retaliação é baixo. Não que sejam completamente insensíveis ao professor que têm pela frente, simplesmente revelam uma considerável indiferença perante as ameaças ou castigos, porque muitas vezes sentem que não têm nada a perder.

Para Lopes (2007), o professor muitas vezes é o principal responsável pela indisciplina, uma vez que não consegue gerir a aula de forma a inibir o aparecimento e desenvolvimento dos comportamentos de indisciplina, a qual, assume com freqüência formas grupais. Isso não sucede nos casos de violência e de agressão, relativamente aos quais o professor não constitui origem e cujo controle, em grande medida, lhe escapa.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 TIPO DE PESQUISA

Uma pesquisa pode ser classificada de acordo com os objetivos para os quais é proposta, de acordo com esta premissa, este estudo é de natureza descritiva. Segundo Andrade (1999, p. 106) “neste tipo de pesquisa, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles. Isto significa que os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não manipulados pelo pesquisador”. Desta forma a investigação visa registrar e analisar as respostas encontradas, com o objetivo de ampliar o conhecimento em relação à violência nas escolas.

4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

4.2.1 POPULAÇÃO

A população investigada foi constituída por professores de duas escolas, sendo uma da rede municipal de ensino e outra da rede privada, ambas da cidade de Curitiba.

Vale salientar as diferenças sócio-culturais que marcam estas duas escolas. Enquanto a escola pública é localizada em uma zona de periferia onde a comunidade tem perfil sócio econômico baixo ou até miserável e convive diariamente com vários tipos de violência, a escola privada é localiza na região central da cidade e as famílias são de classe média alta ou alta. Como se pode observar, são dois extremos, escolhidos intencionalmente.

4.2.2 AMOSTRA

A seleção da amostra foi feita de forma aleatória, sendo que os professores analisados serão os de 7^a e 8^a séries.

4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Como instrumento de coleta foi utilizado um questionário contendo questões abertas e fechadas, buscando atender aos objetivos estipulados pela pesquisa.

Lakatos & Marconi (1990), definem o questionário como um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, as quais devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador.

Para a elaboração do instrumento de coleta, recorre-se ao questionário da dissertação de mestrado de Rosemary D. Padilha, intitulada *Mediação sistêmico-integrativa: uma contribuição à gestão da educação para prevenção da violência*. Mediante esse material foram realizadas algumas adaptações de modo que o instrumento atendesse de forma adequada o contexto e os sujeitos pesquisados.

4.4 COLETA DE DADOS

O processo de coleta de dados foi iniciado por intermédio do contato com os professores das escolas citadas. Os docentes receberam o questionário e entregaram com as devidas respostas após dois dias.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta das informações, ocorreu a organização e a análise dos dados. Para isso procedeu-se a uma análise estatística, com a utilização de gráficos e tabelas.

Vale salientar que em alguns quadros a soma não foi equivalente ao total de entrevistados, pois alguns fizeram menção a duas ou mais respostas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Além da revisão bibliográfica, os objetivos específicos propostos neste estudo eram:

- ✓ Identificar as diferentes opiniões docentes sobre as principais formas de violência manifestada por alunos em escolas públicas e privadas;
- ✓ Comparar os resultados obtidos na escola pública e na escola privada.

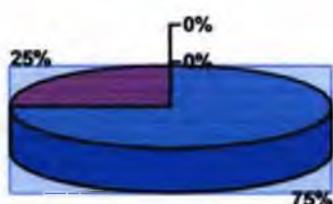
Por meio dos questionários realizados com professores de uma escola pública e de uma escola privada foi possível atender tais objetivos, conforme veremos a seguir

Para cada questão haverão dois gráficos; um referente à escola pública e o outro referente à escola privada.

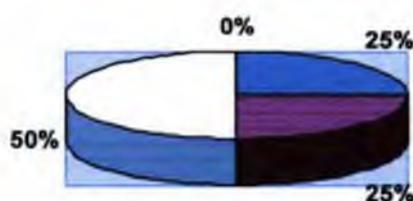
A primeira questão dizia respeito à freqüência com que o professor verificava em suas aulas atos que considerava agressivos ou violentos. Esta questão foi segmentada em 7 atitudes que poderiam ser consideradas violentas.

A primeira se referia à freqüência do uso de expressões de baixo calão entre os alunos (palavrões):

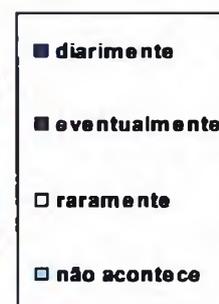
Gráfico 1 – Uso de expressões de baixo calão entre os alunos:



Escola pública



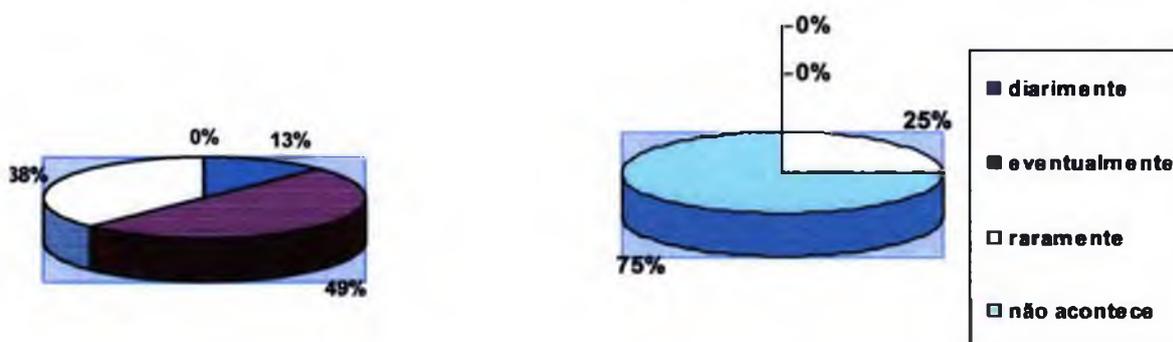
Escola privada



Pode-se observar que 75% dos professores da escola pública relatam que os alunos usam expressões de baixo calão entre si diariamente, enquanto maior parte (50%) dos professores da escola privada dizem que isso ocorre raramente.

Logo após, vem a questão referente ao uso de expressões de baixo calão de alunos com professores:

Gráfico 2 – Uso de expressões de baixo calão pelos alunos em relação aos professores:



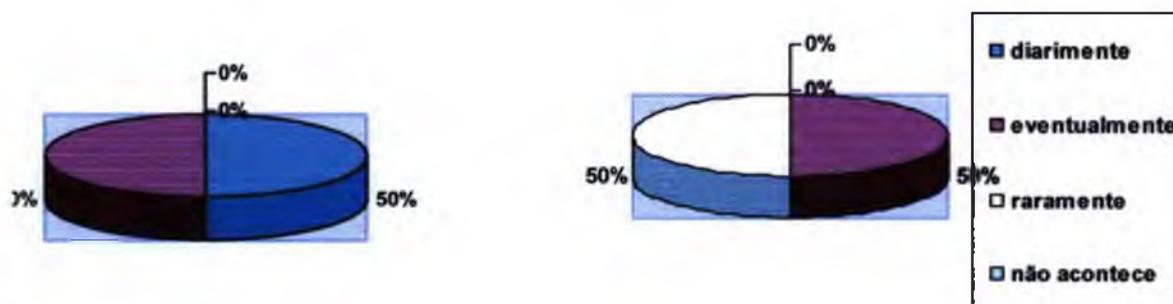
Escola pública

Escola privada

Nota-se nesta questão que 49% dos professores da escola pública já presenciaram alunos que usam de expressões baixo calão em relação aos docentes, enquanto 75% dos professores da escola particular dizem que isso não acontece.

A próxima questão se remetia ao uso de atos obscenos pelos alunos:

Gráfico 3 – Uso de gestos obscenos pelos alunos:



Escola pública

Escola privada

Nota-se que também nesta questão as respostas distintas. 50% dos professores da escola pública dizem que os alunos usam diariamente de

atos obscenos, enquanto a outra metade relata que vêem isso acontecer eventualmente.

Já 50% dos professores da escola particular dizem que presenciam esse tipo de comportamento eventualmente e os outros 50% relatam que isso acontece raramente.

Logo em seguida surge a questão referente às atitudes provocativas entre os alunos:

Gráfico 4 – Atitudes provocativas entre os alunos:



Escola pública

Escola privada

Sobre essas atitudes ocorre uma inversão, enquanto 75% dos docentes da escola privada dizem que isso ocorre diariamente, 75% dos professores da escola privada relatam que essa ação é eventual.

A questão seguinte se refere à agressão física entre os alunos:

Gráfico 5 – Agressão física entre alunos:



Escola pública

Escola privada

Nota-se que 50 % dos professores da escola pública descrevem que agressão física ocorre entre os alunos eventualmente, enquanto 87% dos professores da escola privada dizem que isso raramente acontece.

A próxima questão foi referente à agressão física dos alunos com professores e/ou funcionários da escola:

Gráfico 6 – Agressão física dos alunos com professores e/ou funcionários da escola:



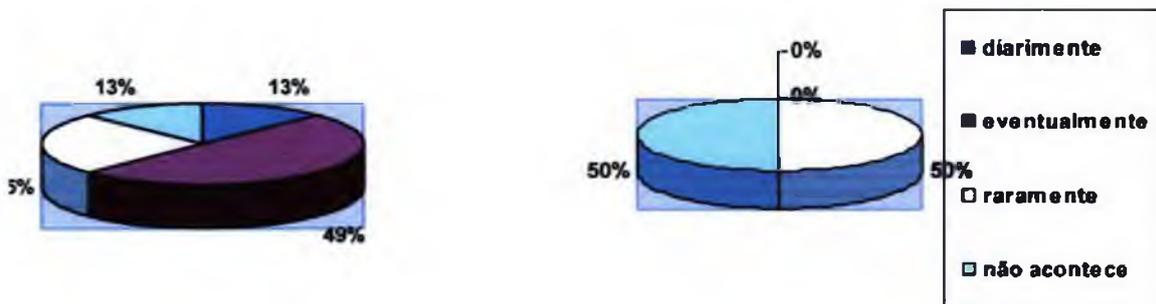
Escola pública

Escola privada

Vê-se que nesta questão 50% dos docentes da escola pública dizem que eventualmente já sofreram, sofrem ou já viram sofrer outros professores e/ou funcionários da escola alguma agressão física por parte dos alunos, enquanto na escola privada todos os docentes que responderam ao questionário disseram que nunca viram isso acontecer.

A questão seguinte foi referente às atitudes que revelam preconceito de cor, de condição social e/ou outros.

Gráfico 7 – Atitudes que revelam preconceito de cor, de condição social e/ou outros:



Escola pública

Pode-se observar nesses gráficos que 49% dos professores da escola pública disseram presenciar eventualmente algum tipo de preconceito. Enquanto 50% dos professores da escola privada relataram que isso acontece raramente e a outra metade disse que isso não acontece.

Na próxima questão, os docentes poderiam marcar quantas alternativas quisessem e foi referente ao que já haviam presenciado ou tiveram conhecimento e que envolveu ou foi praticado por alunos em ambiente escolar.

Escola privada

TABELA 1 – Atos que o docente já presenciou ou teve conhecimento e que foi praticado por aluno(s) em ambiente escolar – escola pública:

O docente já presenciou ou teve conhecimento:	Respostas
- ameaça a alunos	06
- ameaça a professor ou à funcionário da escola	05
- atentado ao pudor no interior da escola e/ou assédio sexual	03
- danos e/ou depredação que tenham ocorrido em prédio escolar, em materiais, móveis ou carros (da escola ou de profissionais que trabalham nela)	06
- roubo ¹ de dinheiro ou objetos de alunos, professores ou funcionários no interior da escola	04
- furto ² na escola	04
- agressão física na escola por meio de brigas entre alunos	05
TOTAL	33

¹ ROUBAR: tomar (objeto, coisa móvel) da posse de alguém, mediante ameaça ou violência.

² FURTAR: subtrair fraudulentamente (coisa alheia) – roubo praticado escondido, sem violência.

TABELA 2 – Atos que o docente já presenciou ou teve conhecimento e que foi praticado por aluno(s) em ambiente escolar – escola privada:

O docente já presenciou ou teve conhecimento:	Respostas
- ameaça a alunos	04
- ameaça a professor ou à funcionário da escola	00
- atentado ao pudor no interior da escola e/ou assédio sexual	00
- danos e/ou depredação que tenham ocorrido em prédio escolar, em materiais, móveis ou carros (da escola ou de profissionais que trabalham nela)	04
- roubo ¹ de dinheiro ou objetos de alunos, professores ou funcionários no interior da escola	00
- furto ² na escola	02
- agressão física na escola por meio de brigas entre alunos	02
TOTAL	12

Percebe-se claramente nas tabelas acima que houveram 33 marcações nas alternativas referentes à comportamentos dos alunos da escola pública, enquanto na escola privada houveram apenas 12. Nota-se também que na última escola tiveram itens que não foram assinalados.

Nesta questão os docentes deveriam marcar se consideram a escola em que trabalham negligente em relação ao atendimento às situações de violência mais graves.

Gráfico 8 – Opinião dos docentes quanto à negligência por parte da escola e/ou à falta de atenção no atendimento às situações de violência mais graves:



Escola pública

Escola privada

Percebe-se que apenas professores da escola pública assinalaram sim nesta questão, onde pode-se deduzir que os professores da escola privada não têm problemas em relação à negligência ou falta de atendimento às situações consideradas mais graves.

A próxima questão deveria ser respondida somente quando algum

docente respondesse *sim* na questão anterior. Diante do que foi observado no gráfico anterior os professores da escola pública a responderam.

TABELA 3 – Caso o docente tenha marcado *sim* na questão anterior, favor responder sobre em que situações ocorre a negligência.

Em que situações ocorre negligência por parte da escola	Respostas
- em casos de agressão física entre alunos	02
- em casos de desrespeito ao professor e/ou funcionário	01
TOTAL	03

Respostas dadas por professores da escola pública.

Os docentes da escola pública relataram que essa negligência ocorre em casos de agressão física entre alunos e de desrespeito ao professor e/ou funcionário da escola.

Após as questões anteriores que seguiram um formato fechado, vieram quatro questões abertas. Na primeira os docentes deveriam dar sua opinião em relação ao que contribui para que haja violência por parte dos alunos na escola.

TABELA 4 – Opinião dos docentes sobre o que contribui para que haja violência por parte dos alunos na escola – escola pública:

O que contribui para que haja violência	Respostas
- Falta de educação/acompanhamento dos pais	05
- Faixa etária não compatível com a série	01
- Baixo rendimento escolar	01
- Falta de respeito. Alunos são frutos de uma sociedade capitalista onde cada um pensa apenas em si, o que contribui para o aumento da violência	02
- Família sem limites e valores	03
TOTAL	12

TABELA 5 – Opinião dos docentes sobre o que contribui para que haja violência por parte dos alunos da escola – escola privada:

O que contribui para que haja violência	Respostas
- Falta de educação/acompanhamento dos pais	07
- Atrito por diferenças de opiniões	02
TOTAL	09

Nota-se que enquanto os professores da escola pública descreveram várias hipóteses para o que contribui para que haja violência por parte dos alunos, os professores da escola privada descreveram apenas duas possibilidades. Mas a maioria, de ambas as escolas, colocou em primeiro lugar a negligência dos pais em torno da educação e a falta de acompanhamento dos filhos.

Na segunda questão aberta, os docentes responderam sobre as ações que poderiam ser realizadas pelos pais quando percebem que o filho está praticando atos violentos.

TABELA 6 – Ações que poderiam ser realizadas pelos pais quando percebem que o filho está praticando atos violentos – escola pública:

Ações que poderiam ser realizadas pelos pais	Respostas
- Repreensão, acompanhamento, conversa	05
- Procurar ajuda de profissionais capacitados	02
- Acordo entre pais/ filhos/ escola	01
-Acredita-se que muitos casos são inspirados pela própria vivência doméstica e que fica difícil a família se posicionar sendo que o exemplo vem de casa	02
TOTAL	10

TABELA 7 – Ações que poderiam ser realizadas pelos pais quando percebem que o filho está praticando atos violentos – escola privada:

Ações que poderiam ser realizadas pelos pais	Respostas
- Repreensão, acompanhamento, conversa	05
- Procurar ajuda de profissionais capacitados	02
- Responsabilizar os filhos pelos seus atos, pois o que ocorre muitas vezes é que os pais apóiam certas atitudes.	02
TOTAL	09

Com a análise das duas tabelas observa-se que a maioria dos professores, tanto de uma escola quanto de outra, assinalaram que as ações que poderiam ser realizadas pelos pais quando percebem que o filho está praticando atos violentos são a repreensão, o acompanhamento e a conversa.

Na terceira questão aberta os docentes responderam sobre como concebem o papel da patrulha escolar quando se percebe que a criança está praticando atos violentos.

TABELA 8 – Papel da patrulha escolar quando se percebe que a criança está praticando atos violentos – escola pública:

Papel da patrulha escolar	Respostas
- Encaminhar à DA – Delegacia do Adolescente	01
- Evitar atos violentos através de aconselhamentos	05
- Intervir de forma mais eficaz	02
- Proteção de alunos e professores	01
- Orientar, punir e corrigir	04
TOTAL	13

TABELA 9 – Papel da patrulha escolar quando se percebe que a criança está praticando atos violentos – escola privada:

Papel da patrulha escolar	Respostas
- Orientar, corrigir	05
- Evitar atos violentos por intermédio de aconselhamentos	02
- Proteção de alunos e professores	03
TOTAL	10

Percebe-se que nesta questão os professores da escola pública colocaram mais alternativas que os professores da escola privada, onde a maioria das respostas foram equivalentes, dizendo que o papel da patrulha escolar é aconselhar, orientar e corrigir.

Na quarta e última questão aberta, os docentes deveriam dar suas opiniões em relação ao Estatuto da criança e do adolescente (ECA).

TABELA 10 – Opinião docente sobre o Estatuto da criança e do adolescente (ECA) – escola pública:

O que contribui para violência	Respostas
- Alguns artigos deveriam ser revistos por darem proteção excessiva à delinquentes	08
- Vago, existem lacunas a serem preenchidas	01
TOTAL	09

**TABELA 11 – Opinião docente sobre o Estatuto da criança e do adolescente
(ECA) – escola privada:**

O que contribui para violência	Respostas
- Alguns artigos deveriam ser revistos por darem proteção excessiva aos menores infratores	09
TOTAL	09

Vê-se que, com unanimidade, os professores relataram perceber falhas no Estatuto da Criança e do Adolescente e acreditam que alguns artigos dele deveriam ser revistos, pois na opinião dos mesmos, existe falhas na elaboração do Estatuto e proteção excessiva aos menores infratores.

5. CONCLUSÃO

A violência manifesta-se de diversas formas dentro da escola. Um dos objetivos desta pesquisa foi apontar quais as principais formas de violência praticadas nas escolas tanto da rede pública quanto da rede privada de ensino na opinião dos docentes. Após análise dos dados pode-se concluir que os tipos de violência mais indicados pelos professores, de ambas as escolas, é a violência entre alunos (brigas por diversas causas), seguida de danos e/ou depredação do prédio escolar.

As diferenças nas respostas obtidas entre a escola pública e a escola privada foram claríssimas. Na escola pública a porcentagem de reclamações foi evidentemente maior do que da escola privada.

Na escola pública, por exemplo, os professores presenciam com significativa frequência expressões de baixo calão entre os alunos e com os próprios docentes. Isso ocorre também em relação aos gestos obscenos, atitudes provocativas entre alunos, agressões físicas entre alunos e com professores entre outros. Apenas na escola pública os professores relataram existir negligência por parte da escola e afirmaram que isso ocorre principalmente em casos de agressão física entre alunos e desrespeito a professores e funcionários.

No entanto, os mesmos atos citados anteriormente, ocorrem em frequência muito menor na escola privada.

A opinião dos docentes de ambas as escolas foi a mesma quando questionados sobre o que acreditavam que contribui para que haja violência por parte dos alunos: falta de educação e falta de acompanhamento dos pais. As ações que poderiam ser realizadas pelos pais, segundo os docentes de ambas as escolas são: repreensão, acompanhamento e conversa.

Quanto ao papel da patrulha escolar, as opiniões foram similares entre as duas categorias de professores: os da escola pública colocaram que o papel da patrulha escolar é orientar, punir e corrigir, enquanto os professores da escola particular colocaram que o papel é de orientar e corrigir.

A opinião dos docentes sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi unânime, os professores concluíram que alguns artigos deveriam ser revistos, pois há proteção excessiva a certos casos.

Contudo, muitos trabalhos mostram que a violência não tem uma origem única, e que vale a pena examinar as abordagens sociológicas e psicológicas.

Para Debarbieux (2002, p.78) a maior parte dos sociólogos franceses considera a exclusão social como uma das grandes causas da violência nas escolas.

A sociedade tem sofrido significativas transformações. A família, núcleo primordial de educação, vem dissimuladamente a delegar esse papel para a escola, dado que é no contexto educativo que os indivíduos passam a maior parte do dia. Porém, nenhuma outra instituição poderá jamais substituir as condições educativas da família, nem parece ser razoável que seja unicamente a escola a ensinar valores tão necessários para o normal desenvolvimento dos indivíduos tais como: a democracia, as regras para a sã convivência, o respeito pelo outro, a solidariedade, a tolerância, o esforço pessoal, etc.

À escola não se pode pedir que além de ensinar os conteúdos programáticos exigidos pelo Ministério da Educação, tenha também que ter a função educativa que compete aos pais. No meio de tudo isto, a verdade é que a violência continua a existir e a registrar-se cada vez mais na população jovem. A escola não pode ignorar que os conflitos e problemas sociais existem, e por isso tem vindo a adaptar-se como pode.

Este estudo não pretende apontar o que é melhor ou pior em termos educacionais, mas sim iniciar um levantamento que demonstre quais as percepções de professores, tanto da rede pública como da rede privada, com a intenção de tentar compreender as contradições e os problemas que marcam esses contextos. Nesse sentido, ressalta-se a importância da continuidade de investigações como esta, sobretudo no que se refere à estudos que procurem compreender as determinantes económicas e sociais que influenciam estas diferenças, e, assim, desconstruir a ideia de que violência é um dado natural, mas sim que este é um fenómeno social, portanto, possível de ser alterado, tal como indicam alguns dos autores mencionados na revisão de literatura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; AVANCINI, Marta Franco. **Educação e Incivilidade**. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br>>. acesso em 20/07/07.

ABRAMOVAY, Miriam, RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002, 400p.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do Trabalho Científico**. Atlas, 1999. 4ª edição. 153 p.

APICCIRELLA, Nadime. **O Papel da Educação na Legitimação da Violência Simbólica**. Disponível em: <<http://www.cdcc.sc.usp.br>>. Acesso em: 20/07/07.

AQUINO, Julio Groppa (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas**. São Paulo: Summus, 1996, 148p.

BANDURA, A. **Agression: a social learning analysis**. New Jersey: Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1973.

BELINAZO, Nadia B. C; CUNHA, Jorge Luiz da. **Violência e autoritarismo: representações e repercussões praticas entre os professores**. Disponível em: <<http://www.coperves.ufsm.br>>. Acesso em 20/07/07.

D'AVILA, Edson. **Violência, conteúdos e competências**. Disponível em: <<http://www.uem.com.br>>. Acesso em: 10/05/07.

DEBARBIEUX, Eric, BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas publicas**. Brasília: UNESCO, 2002, 267p.

ESTRELA, Albano; FERREIRA, Julia. **Violência e indisciplina na escola**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001, 804p.

FALA mestre. **Nova Escola**. São Paulo, p.45-47, maio 2002.

GALLO, Alex E. Laboratório de Análise e Prevenção da Violência – **Estudos da violência e suas intervenções**, Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <<http://www.uem.com.br>>. Acesso em: 10/05/07.

GIL, Antonio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa educacional**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da violência escolar: Conflito e ambigüidade**. São Paulo: Autores Associados, 1996, 172p.

LOPES, Claudivan S.; GASPARIN, João L. **Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente**. Disponível em: <<http://www.uem.com.br>>.

Acesso em: 10/05/07.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1986, 114p.

MORAIS, Regis de. **Violência e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

PADILHA, Rosemary D. **Mediação sistêmico-integrativa: uma contribuição à gestão da educação para prevenção da violência**. (dissertação mestrado em educação UTP 2003 168p.)

OSORIO, Luiz Carlos. **A violência nossa de cada dia: da aceitação contemplativa à indignação transformadora**. Florianópolis: Espaço Editorial, 2001.

ROSA, Susel O. **Da violência, da pureza e da ordem**. Disponível em: <<http://www.uem.com.br>>. Acesso em: 10/05/07.

RIOLFI, C. R. **Escola e violência: uma dúzia de pontos para pronto socorro**. Campinas: Unicamp, 1999.

SERASA. **Guia contra violência**. Disponível em: <<http://www.serasa.com.br>>. Acesso em: 17/07/07.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

STEINER, Maria. H. F. (org.) **Quando a criança não tem vez: violência e desamor**. São Paulo: Pioneira, 1986.

TESSARO, Adriana. **Preconceito: sociedade e escola**. Disponível em: <<http://www.uem.com.br>>. Acesso em: 10/05/07.

ZALUAR, Alba. **O contexto social e institucional da violência**. Disponível em: <<http://www.ims.uerj.br>>. Acesso em: 20/07/07.

APÊNDICE**QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORES DAS ESCOLAS
PÚBLICA E PRIVADA**

1. Assinale os comportamentos que você verifica ou já verificou em suas aulas e que considera agressivos ou violentos, apontando a frequência com que esses atos são praticados:

a) uso de expressões de baixo calão entre os alunos (palavrões)

- diariamente
- eventualmente
- raramente
- não acontece

b) uso de expressões de baixo calão pelos alunos em relação aos professores

- diariamente
- eventualmente
- raramente
- não acontece

c) uso de gestos obscenos pelos alunos

- diariamente
- eventualmente
- raramente
- não acontece

d) atitudes provocativas entre os alunos

- diariamente
- eventualmente
- raramente
- não acontece

e) agressão física entre os alunos

- diariamente
- eventualmente
- raramente
- não acontece

f) agressão física com professores e/ou funcionários da escola

- diariamente
- eventualmente
- raramente
- não acontece

g) atitudes que revelam preconceito de cor, de condição social e/ou outros

- diariamente

- eventualmente
- raramente
- não acontece

2. Nas situações de violência indicadas abaixo, marque o(s) item(ns) que você já presenciou ou teve conhecimento e que foram praticados por alunos no ambiente escolar:

- Ameaça a alunos
- Ameaça a professor ou a funcionário da escola
- Atentado ao pudor (exposição ou exibição de órgãos sexuais) no interior da escola e/ou assédio sexual
- Danos e/ou depredação que tenham ocorrido no prédio escolar, em materiais, móveis ou carros (da escola ou de profissionais que trabalham nela)
- Roubo de dinheiro ou objetos de alunos, professores ou funcionários no interior da escola
- Furto (roubo praticado escondido, sem violência) na escola
- Agressão física por meio de brigas entre alunos

3. Em sua opinião existe negligência da escola e/ou falta de atenção no atendimento às situações de violência mais graves?

- Sim Não

3.1 Se você marcou *sim* na questão anterior, em que situações isso ocorre?

R: _____

4. Em sua opinião o que contribui para que haja violência por parte dos alunos na escola?

R: _____

5. Que ações poderiam ser realizadas pelos pais quando percebem que o filho está praticando atos violentos?

R: _____

6. Neste mesmo caso, qual o papel da patrulha escolar?

R: _____

7. Qual sua opinião sobre o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)?

R: _____
